

**MURRAY, Roseana; AMORIM, William. *Balaio de felicidades*. Itapira: Estrela Cultural, 2023.**

Rafael Santana<sup>1</sup>

Balaio: 1) termo originário da antiga Bretanha, cuja etimologia aponta, em princípio, para o conceito de vassoura; 2) cesto composto por folhas de palmeira ou de dendezeiro, bastante popular entre algumas tribos indígenas seja da Bolívia, seja do Brasil; 3) recipiente por meio do qual se costuma presentear a ancestralidade, muito especialmente naquilo que tange à ritualística dos cultos de matriz africana.

Poética: 1) vocábulo advindo do grego *poiesis*, no sentido mesmo etimológico do gesto da criação; 2) conjunto de traços estilísticos que definem a escrita (verbal ou não-verbal) de um determinado artista.

Na contramão da lógica da produção estandardizada, massificada ou em larga escala, o processo composicional do balaio resgata, antes de tudo, uma herança cultural milenar. Manufatura, artesanato, objeto aurático<sup>2</sup>, o balaio é a efígie iniludível de um mundo pré-Moderno, apartado da realidade claudicante da produção industrial, inscrevendo-se, deste modo, na contracorrente do impulso desenfreado da sociedade de consumo. Predecessor quer da Modernidade, quer da pós-Modernidade, quer do advento algorítmico da recém-chamada Era da pós-verdade<sup>3</sup>, o balaio é uma espécie de cesto artesanal algo mágico, passível de

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro. Doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0004-3388-6247>. E-mail: [rafaelsantana@letras.ufrj.br](mailto:rafaelsantana@letras.ufrj.br).

<sup>2</sup> Para Walter Benjamin (1996, p. 168-170), “[...] O conceito de aura permite resumir essas características: o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura. Esse processo sintomático, e sua significação vai muito além da esfera da arte. *Generalizando, podemos dizer que a técnica da reprodução destaca o domínio da tradição o objeto reproduzido*. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial. E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido. Esses dois processos resultam num violento abalo da tradição, que constitui o reverso da crise atual e a renovação da humanidade. Elas se relacionam intimamente com os movimentos de massa, em nossos dias. [...] Em suma, o que é a aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura das montanhas, desse galho. Graças a essa definição, é fácil identificar os fatores sociais específicos que condicionam o declínio atual da aura. Ela deriva de duas circunstâncias, estreitamente ligadas à crescente difusão e intensidade dos movimentos de massas [...]”.

<sup>3</sup> A este respeito, diz Christian Dunker (2017, p. 13): “A pós-verdade tem muitas implicações políticas, morais e institucionais. Ela afeta cotidianamente nossos laços amorosos e nossas formas de sofrimento, principalmente na medida em que estas dependem de descrições, nomeações e narrativas. Podemos descrever a subjetividade em tempos de pós-verdade como um conjunto de negações tanto da ligação entre as três faces da verdade como

carregar, ainda que brevemente, os nossos pequeninos tesouros, metafórica recolha das nossas *pequenas felicidades*. Multifacetado, o balaio é capaz de estabelecer ainda uma frenagem – hiato passageiro – neste momento histórico de tanta insanidade coletiva, marcado por uma perturbadora aceleração! Com efeito, *arte*, *artesanato* e *magia* são aqui compreendidos como conceitos-chave para uma interpretação, tanto mais sensível quanto mais pormenorizada, do livro intitulado *Balaio de felicidades* (2023), recentemente publicado pela editora Estrela Cultural.

Entretecido a quatro mãos por Roseana Murray (poeta) e William Amorim (psicanalista e poeta), *Balaio de felicidades* é constituído por dezenove escrituras<sup>4</sup>. Encimado por “Felicidadezinhas”, poema que leio à guisa de *arte poética*, o livro principia propositadamente em diminutivo, como que a apontar para o avesso do desejo coletivo de grandeza ou, psicanaliticamente falando, para o radical do gozo superegóico, sintoma agudíssimo da nossa contemporaneidade, para a qual o superego seria corolário de um Ideal de “eu”. Frente a este entendimento equivocado, a psicanálise vem nomeando esse componente freudiano basilar da estrutura triádica do aparelho psíquico de *superego sádico*.

Todavia, é fundamental que se compreenda que o superego não exerce, em hipótese alguma, a função de um Ideal de “eu”. Como pondera a psicanalista Maria Homem (2020), o gozo superegóico não passa de um extremo delírio da nossa cultura. Assim sendo, o superego, que tem sobre si a responsabilidade absolutamente necessária de cortar e de dar contorno, tem-se mostrado atualmente muito mais como um detrator do “eu” do que como apenas o seu avalizador. Assim é que a indústria de consumo, bem como a falsa plenitude midiática, fetichizada e fomentada sobretudo pelas redes sociais, se configuram, no caótico panorama da cena contemporânea, como potentes vetores de uma estrutura desejante superegóica. Massacrado entre as pulsões do inconsciente (Id) e os inalcançáveis valores do suposto Ideal de

---

corrupção de sua potência ficcional, mas também como degradação da experiência da verdade do desejo que produz certa unidade entre *alethéia*, como *emunah* e como *veritas*”.

<sup>4</sup> Sobre isso, Leyla Perrone-Moisés nos ensina que, ao passo que o conceito de *escrita* enseja culturalmente a carga semântica da produção industrial ou instrumental, a noção de *escritura*, por sua vez, estaria mais atrelada ao “sagrado” da manufatura. Nas palavras da autora, “[...] podemos ainda lembrar que a palavra *escritura*, no sentido de escrita literária, está documentada em grandes autores portugueses e brasileiros. Este não é, aqui, um argumento de autoridade, mas um argumento ‘escritural’: as palavras têm uma história e uma vida em determinadas áreas de fala ou de escrita; e, no texto literário, quando vêm carregadas de uma ascendência escritural, elas entram num ‘intertexto’ que só pode ser bem-vindo” (Perrone-Moisés, 2007, p. 82).

“eu” (Superego), o Ego, isto é, o “eu” inscrito no real, é aquele que acaba quase sempre nocauteado nesta tão inóspita batalha.

Voltando agora da teoria psicanalítica para o texto literário, cabe ainda acentuar que os versos iniciais de “Felicidadezinhas”, pensados em direção oposta aos imperativos narcísicos da chamada “ditadura da felicidade”, da “positividade tóxica” ou da “geração dopamina” – essa busca desenfreada da alegria que resulta paradoxalmente no enfrentamento do vazio avassalador da angústia –, os versos iniciais de “Felicidadezinhas”, repito, irrompem em liberdade, dizendo: “Um balaio se faz com amor, / tranças de palha, / corda, cipó [...]” (Murray; Amorim, 2023, p. 11). Muito mais sugestivo do que didático – refiro-me ao peso pedagógico, não raro autoritário, que o didatismo pode vir também a representar –, *Balaio de Felicidades*, num ato de absoluta generosidade, não pleiteia para si a prerrogativa de quaisquer verdades. Muito pelo contrário: *é por amor e pelo amor* que oferta ao leitor atento um simbólico manual de voo ou uma bússola para que empreenda a sua metafórica travessia pelas águas.

Por outras palavras, quero com isto dizer que, ao final da sua incursão pelos poemas, os que se achegam ao *Balaio* acabam por se tornar também eles capazes de formular não uma cópia do paradigma aí expresso, espécie de receita acabada, mas sim o seu próprio balaio, fruto profícuo das suas idiossincrasias, dos seus desejos, do seu gozo elaborado, enfim. Daí que o poema de abertura prossiga desta forma: “[...] pedaços de horizonte / para guardar / as felicidadezinhas [...]” (Murray; Amorim, 2023, p. 11). Deste *horizonte*, vocábulo, de longa data, atrelado ao imaginário da esperança, o balaio é, pela transmutação alquímica da palavra, um continente que tem por conteúdo “[...] Gotas de chuva / em dias de muito calor [...]” (Murray; Amorim, 2023, p. 11) ou, noutros termos, a possibilidade do resgate mnemônico, ainda que fugaz, da felicidade na simplicidade.

Falávamos inicialmente de tempo, de aceleração e de frenagem. Com efeito, a poesia já é ela mesma tanto uma potência quanto um ato refreador da cronologia, uma vez que, nos seus deliciosos jogos de linguagem, está em contínuo processo de deslocamento dos signos, ou melhor, em constante provocação de deslizamento de significantes e de significados, como tão bem frisou o escritor mexicano Octavio Paz. Expliquemo-lo: hipoteticamente a língua teria por óbice primeiro o estabelecimento da comunicação. Portanto, não seria descabido lembrar que, na sua acepção etimológica, o verbo *comunicar* aponta, *ipsis litteris*, para a ideia (estritamente pragmática) de *tornar comum*. Ora, sabemos que a poesia não se prende ao ordenamento

tradicional do discurso. Assim é que o autor de *O arco e a lira* (2012) coteja a prosa – na sua cadência melódica de marcha – a uma linha reta e a poesia – no seu movimento rítmico circular – a uma esfera. Eis por que os poetas não cessam de acentuar a sua relação patentemente erótica com as palavras, dotados que são da sensibilidade de perceber o seu corpo e a sua mente a ser gozosamente atravessados por estésicas dobras de linguagem. A meu ver, talvez não haja mesmo expressão mais bela sobre o tema da triangulação *poeta-linguagem-erotismo* do que esta de Octavio Paz (1995, p. 9), também ele sensibílimo poeta: “O erotismo é uma poética corporal e a poesia é uma erótica verbal”.

Posta esta digressão, voltemos agora ao poema, sem contudo ter dele exatamente saído. E “Felicidadezinhas” prossegue assim: “[...] Pés descalços no rio, / um quilo de preguiça. / A vida bem devagar [...]” (Murray; Amorim, 2023, p. 11). É Heráclito, filósofo pré-socrático, quem nos ensina que o correr das águas do rio é a metáfora por excelência da passagem do tempo e que, por isso mesmo, o desejo de banhar-se exatamente na mesma afluentes será sempre da ordem do utópico, ainda que se esteja fisicamente presente no mesmíssimo local geográfico por onde outrora a torrente seguia – e segue – a passar. A aventura do mergulho é, pois, uma espécie de imersão contínua em novas águas! Ante o fluxo inexorável do tempo, “[...] num planeta chamado / Alegria ou Amor [...], o sujeito cognoscente poderá carregar no seu balaio “[...] Sorvete de abacaxi, bacuri, / coco ou cupuaçu”, bem à moda do balaio Waláya, cesto de que os indígenas da etnia amazonense Baniwa se utilizam para transportar frutas e alimentos. O balaio é tão ancestral quanto a poesia, sopro de vida, “[...] um frasco de ar perfumado / da montanha ou do mar” (Murray; Amorim, 2023, p. 11); o balaio é, enfim, a alquimia das palavras “para respirar poesia, / para respirar magia” (Murray; Amorim, 2023, p. 11).

Repleto de poemas ora em anábase, ora em catábase, *Balaio de Felicidades* é ainda um livro ultracolorido, com palavras e imagens que se expressam numa pluralidade de pulsações sinestésicas. Destaque-se aí a preponderância das tonalidades em azul e em vermelho-alaranjado, que parecem evocar o mito de Ícaro e Dédalo. Contudo, se a psicanálise deste conhecidíssimo enredo põe na boca de cena a lição atemporal sobre a fragilidade do ego e sobre os perigos da arrogância – não nos olvidemos de que a queda mortífera do jovem filho de Dédalo é consequência da sua própria vaidade exacerbada e da sua ambição descomunal –, *Balaio de felicidades*, muito pelo contrário, é já o exercer da aprendizagem de voar ou de navegar humildemente em segurança, seja com “Sapatos mágicos / para sapatear na Lua / em

dias de alegria [...]” (Murray; Amorim, 2023, p. 13), seja com um pé de vento para “[...] empurrar / um barco a vela [...]” (Murray; Amorim, 2023, p. 13). Afinal, “[...] No balaio cabe / tudo [...]”, isto é, “[...] Sol e tempestade, / tristeza e alegria, norte e sul da fantasia” (Murray; Amorim, 2023, p. 13).

Em resumo, um *Balaio de felicidades* não se furta ao afeto da angústia, justamente por entender que somos a um só tempo luz e sombra, tempestade e calmaria, multidão e solidão. A ambivalência é, pois, inerente à condição humana. Havemos, portanto, de aceitá-la, de perscrutá-la e de com ela aprender a conviver. Quiçá tão-somente assim sejamos de fato capazes de curar as nossas feridas narcísicas e de deixá-las cicatrizar. Na vida adulta, um *Balaio de felicidades* é a simbólica saída dos recônditos labirínticos da compulsão à repetição<sup>5</sup>, é a escolha pela vida, é a possibilidade de reconexão consigo mesmo, é, enfim, o resgate e o acolhimento da criança interior!

## Referências

- BARTHES, R. *Aula*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- DUNKER, C. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, C. et al. *Ética e pós-verdade*. São Paulo: Dublinense, 2017. p. 7-38.
- HOMEM, M. *Lupa da alma: quarentena-revelação*. São Paulo: Todavia, 2020.
- MURRAY, R.; AMORIM, W. *Balaio de felicidades*. Ilustrações: Christiane Mello. Itapira: Estrela Cultural, 2023.

---

<sup>5</sup> No seu monumental *Dicionário de psicanálise*, Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998, p. 486-487) assinalam que “Conscientizar o que está inconsciente não se revela uma tarefa simples. Como mostrou a observação, a rememoração voluntária é ineficaz, e o paciente é obrigado a repetir na análise o recalque, em especial o de sua vida sexual infantil, marcada pela fase edipiana, para conseguir se instalar numa nova neurose, a neurose de transferência, substituta daquela que o fez procurar o analista. No tratamento, portanto, assistimos de fato ao aparecimento de um processo idêntico aos que se observam na atividade onírica dos sujeitos afetados por neuroses traumáticas ou na brincadeira do *fort/da*, processos estes que Freud denomina de compulsão à repetição, e cuja apreciação adequada implica o questionamento da ideia de resistência inconsciente. [...] As resistências do analisando são de fato inconscientes, mas devem ser situadas nesse eu que já não é totalmente possível de ser assimilado ao consciente; a compulsão à repetição, que opera notadamente na análise e é fonte de desprazer para o eu, deve ser inscrita, ao contrário, do lado do recalque”.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Luci Magalhães. Supervisão da edição brasileira: Marco Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

PAZ, O. *A dupla chama: amor e erotismo*. Tradução: Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim, 1995.

PAZ, O. *O arco e a lira*. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PERRONE-MOISÉS, L. Posfácio. In: BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2007. p. 76-95.

**Recebido em:** 10 de novembro 2023.

**Aceito em:** 5 de dezembro de 2023.